

ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL IV

Dimensão Espiritual nos Seminários

– Caderno de Estudos¹ –

A comunhão eclesial sacerdotal

✠ **Jorge Carlos Patrón Wong**
Arcebispo-bispo Emérito de Papantla
Secretário para os Seminários

Temas: As bases da espiritualidade sacerdotal: a devoção mariana, os sacramentos, Palavra de Deus e a **comunhão eclesial sacerdotal**.

Finalmente chegamos ao quarto pilar da espiritualidade sacerdotal.

Escolhi este tema como o último porque a sua boa edificação na vida concreta de cada seminarista, e, futuramente, sacerdote, dependerá de como os temas anteriores foram alicerçados e relacionados entre si. Afinal, na história de cada seminarista, o Seminário deve ser uma escola de espiritualidade e de vida. Se, da oração quotidiana, da espiritualidade celebrada, da formação acadêmica e doutrinal recebida, não se atinge uma consistente comunhão fraterna entre seus iguais e com os seus superiores, que ao lado do Bispo representam o inteiro presbitério diocesano, como podemos acreditar que aquele presbitério diocesano será um testemunho de comunhão para aquela Igreja local?

Desde o primeiro momento de seu ingresso no Seminário, o jovem vai percorrer uma inteira estrada formativa marcada pela presença de outras pessoas ao seu lado: seus colegas de classe, seus formadores, o Bispo, os padres da pastoral e o primeiríssimo por excelência dentre todos, mas que pode ser até mesmo deixado em último plano: o próprio Jesus.

Tanto o caminho de formação ao presbiterato quanto o caminho da vida presbiteral serão sempre marcados pela presença de um outro sujeito que me acompanhe. Não se trata de um caminho feito sozinho e nem mesmo baseado na percepção subjetiva daquilo que seja necessário. Por isso, o primeiro passo para um bom início do processo formativo seja aquele de reconhecer esta verdade e de considerar a condição real destes que de agora em diante caminharão juntos.

¹ Por ocasião da “SEMANA NACIONAL DE ATUALIZAÇÃO PARA FORMADORES”, Aparecida do Norte/Brasil, de 10 a 14 de julho 2017.

1. O caminho não é feito sozinho

Quando duas pessoas começam a caminhar juntas é natural que demonstrem interesse por se conhecer um ao outro, e isso em si, já supõe a disponibilidade em fazer-se próximo o suficiente do outro sem evadir-se do contato e a capacidade de aproximar-se do outro sem ser invasivo a sua intimidade. Por isso, como já vimos nas conferências sobre a RFIS, será necessário criar dentro do espaço formativo ocasiões de convívio onde os jovens tenham a oportunidade de dividirem a própria história de vida com seus formadores e seus colegas.

O ingresso ao Seminário quase sempre é marcado por um vivo interesse em estar próximo dos outros e vem carregado de um tom de credibilidade e confiança em relação aos formadores para ao menos falar um pouco mais de si mesmo e da própria história. Em todo caso, pode ser que entre a boa vontade e disposição para falar de si e a real capacidade em fazer isso haja certa distância. Contudo, não se pode ignorar que esta boa disposição deva ser bem aproveitada e cuidada pelos formadores, por meio de atitudes de empatia, de transparência no falar, do uso de palavras verdadeiras para ajudar o jovem seminarista a poder falar de si com mais liberdade.

Ao mesmo tempo, o início da vida no Seminário marca uma série de mudanças na vida dos jovens: perda do seu espaço de segurança, mudança de ritmo, abandono da profissão (perda de autonomia financeira), rotura com certas amizades, distanciamento dos antigos amigos, pouca proximidade com os pais e a família. Só estes fatos, já aumentam bastante o nível de instabilidade afetiva e de insegurança pessoal. Se somamos a isso o fato deles terem de se tornar, mais submissos a um quase desconhecido (o formador), seja do ponto de vista financeiro como do ponto de vista da auto gestão do tempo e do ritmo de vida, de estarem expostos a desenvolverem amizade com pessoas que mal conhecem, de entrarem em um universo de hábitos, termos, condutas e ambientes que não são tão conhecidos assim, e ter ainda que aprender novas ciências e conceitos para estar dia após dia repensando os próprios atos, a tarefa de começar a vida em Seminário não é nada fácil.

O risco de sentir-se fracassado como pessoa é grande, porque muitos medos podem acompanhá-lo: medo de não ser aceito pelos demais, medo de não conseguir fazer amizades verdadeiras, medo de ter de falar de seus “fantasmas interiores” ou de suas “vergonhas íntimas”, medo de ser traído em sua intimidade vendo suas coisas pessoais sendo ditas em público, medo de não ser admirado por seus superiores como o era em seu trabalho ou onde estava antes, etc. De modo colateral a tudo isso, as reações de auto-defesa e de excessivo amor próprio podem começar a acontecer, por exemplo, rebeldia as ordens e crítica aos ritmos propostos, desvalorização dos outros, boicote a certas iniciativas, proximidade excessiva dos formadores, proximidade excessiva a um único ou a poucos colegas, restrição no convívio por auto-exclusão em alguns momentos comuns, isolamento e recusa as iniciativas de outros.

Todos estes são dados naturais que não estão fora do esperado, entretanto, progressivamente e de maneira gradual devem ser confrontados e superados em um diálogo verdadeiro e claro entre os formadores e cada jovem particularmente,

procurando não só entender e orientar do ponto de vista humano, mas levando-o a integrar cada descoberta de um novo sentimento e/ou nova transformação da intimidade com Jesus. Afinal, Ele mesmo prometeu dar-nos as graças necessárias para percorrermos o discipulado com Ele (cf. Jo 16, 23-24).

É importante que os jovens seminaristas aprendam a falar de seus medos e consigam ser sinceros consigo mesmo diante daquilo que sentem e que vivem dentro de si. Ser capaz de dizer para si mesmo a verdade sobre aquilo que sente e aquilo que pensa é uma condição essencial para ser um homem entregue nas mãos de Deus, verdadeiro consigo, sem dissimulação ou artifício, para ser forte em princípios e de caráter comprovado. O papel do formador como colaborador para estas conquistas pode ser decisivo. Por vezes, o formador pode vir a observar que algo não está bem com um seminarista. Neste caso é preciso observar algumas coisas:

1. Antes de mais, que o formador seja homem de oração, que reza pelos seminaristas e pelos problemas que nota, colocando-os entre as mãos da Virgem Santíssima, e invocando o auxílio precioso dos seus anjos da guarda.

Se o trabalho do formador não for rezado, poderá tragicamente estar votado ao naufrágio ou ao altruísmo “politicamente correto”, que arrastará consigo outros naufrágios no decorrer do percurso. Por exemplo, se considerarmos que a sua pouca oração será exemplo para os que forma, que nisso o poderão imitar depois ou se justificarem e assim sucessivamente até se tornarem sacerdotes.

2. Diga-se também do risco e da tentação ao protagonismo personalista que pode envenenar ao formador, como ao seminarista, que pensa poder cumprir a própria missão confiando apenas nas suas forças, sem auxílio sobrenatural de Deus. Afinal, os instrumentos têm de ser adequados ao fim a que se almeja, e se tem uma finalidade sobrenatural, assim também hão-de ser os instrumentos, ou seja, não apenas humanos (psicológicos, pedagógicos, retóricos), mas sobrenaturais. De contrário, toda a obra formativa poderá sair depauperada, com um resultado de acabamento apenas aparente ou fadado e ruir em pouco tempo.

3. Depois destes dois itens citados, ao notar-se um qualquer problema com um seminarista, não se esqueça que uma atitude forçosa de diálogo para alguém que está no auge de um conflito interior não ajuda muito a pessoa, o que exigirá paciência e tato da parte do formador. Porém, fazer de conta que não se percebeu que algo não está bem com aquela pessoa ajuda ainda menos. Em situações deste tipo, uma palavra de esperança, como por exemplo: “tenho notado que algo está acontecendo contigo, pois tenho percebido tais mudanças (cita-as), não se esqueça que nesta vida tudo aquilo que se enfrenta com Deus se supera. Quando quiser conversar, pode contar comigo”, que deixe ao mesmo tempo uma porta aberta ao diálogo e a iniciativa pessoal do outro, pode ser de grande ajuda.

Frequentemente, diante de uma tal iniciativa humana e espiritual do formador, aquele jovem poderá então buscar ele próprio o contato e tomará a sua iniciativa em falar sobre si com o seu formador.

Aqui contará muito a habilidade do formador em saber ouvir e a sua sensibilidade pessoal na hora de se aproximar daquele que sofre.

Não é incomum que alguns formadores não saibam como começar a falar com o seminarista e como desenvolver uma conversa, ou dar um conselho e mesmo repreender ou aplicar uma correção. Ouvir os sacerdotes mais sábios, acompanhar as atualizações acadêmicas em psicologia e pedagogia podem dar algumas pistas que ajudem na hora de começar o diálogo com os seminaristas, porém, não se esqueçam que aquele “*insight*” interior que traz para fora a palavra certa, o tempo certo do discurso, a percepção a mais dos sentimentos do outro é fruto da graça de Deus na vida do formador.

Por isso, como já disse, é importante rezar por seus seminaristas e por suas necessidades concretas. Por exemplo, uma das necessidades concretas daquele seminarista pode ser justamente essa: ter uma conversa equilibrada com alguém que o ajude a superar o problema familiar que está passando e esse alguém pode ser você, ou então, a necessidade de conseguir conquistar uma maior maturidade a partir da advertência que receberá.

Rezar-se-á então para que a Providência mande o momento adequado, a presença de espírito justa, e para que Deus ajude a encontrar as medidas certas juntando firmeza de autoridade e misericórdia paterna.

Tendo sido tomadas as devidas iniciativas enquanto formador e após ter proporcionado muitas ocasiões para a tomada de iniciativa ao diálogo por parte do jovem, se estas situações de inadequação afetiva no tempo não vão sendo superadas e começam a representar uma certa “normalidade de conduta”, causando divisões, intrigas, competitividades desmedidas ou mal-estar entre os formadores e formandos, será necessária uma intervenção mais focalizada sobre o problema e sobre a pessoa, no intuito de por fim a problema criado por aquela pessoa ou aquele grupo. Afinal, a perseverança em certas características não são necessariamente a demonstração da “excentricidade” de um candidato, mas podem ser indícios na vida pessoal ou comunitária de sua dificuldade real para conseguir progredir na formação rumo ao sacerdócio de Cristo.

2. Cuidar da própria comunidade

Desde o tempo do Seminário, os jovens devem nutrir o interesse por ajudarem-se uns aos outros e por consolidarem uma verdadeira comunidade. Este não é um objetivo secundário, ou seja, que acontece apenas em decorrência do fato de se morar junto no Seminário. Uma característica do processo formativo que se perpetua na vida sacerdotal é a total entrega pessoal para se saber conviver com os outros.

Jesus chamou para junto de si aqueles que Ele quis para que caminhassem com Ele (cf. Mc 3, 13-14). Trata-se de uma escolha que começa com Jesus, mas se mantém e se consolida como escolha pessoal daqueles que foram chamados para permanecer com Jesus.

Cada um dos doze tinham suas características, seu caráter, suas dificuldades pessoais, virtudes e resistências existenciais, entretanto, todos tiveram de tomar a decisão de querer estar junto de Jesus e de ficar ao lado dos outros que também foram chamados por Ele. Não se trata da mesma escolha. São duas escolhas bem distintas, embora uma possa depender da outra, mas necessariamente precisam ser feitas. Ninguém ingressa no Seminário sem ingressar na vida comunitária e numa etapa de formação comunitária. Esta, como acenado anteriormente, ter que conviver com os outros no Seminário, não é um “mal necessário” como falam alguns, porque trata-se de um momento essencial para a formação discipular com Cristo. Em alguns momentos, a formação feita pelo Senhor Jesus aos doze acontecia exatamente a partir do conflito de convivência instaurado entre eles (cf. Mt 20, 17-28), ou então, em uma iniciativa pessoal que era admitida por alguém do grupo (cf. Jo 6, 5-10).

A decisão de estar juntos completa a decisão de estar com Cristo, não somente por isso, mas também é verdade que ninguém melhor do que o nosso próximo para colocar a prova, em nós mesmos, a força interior de nossas motivações e a tenacidade de nossos atos de amor a Jesus. Seremos uma verdadeira comunidade se formos capazes de ver no outro a presença de Cristo Jesus, que ora será honrado e amado por um irmão através de suas escolhas e atitudes, e ora será humilhado e ferido por meu irmão por causa de suas escolhas ruins e distantes do Evangelho. Justamente por ver Jesus sofrer, é que saio ao encontro de meu irmão para ajudá-lo a não mais ferir Jesus (corrigindo fraternalmente, exortando, admoestando), ao mesmo tempo em que escolho não feri-lo ainda mais com minhas eventuais decisões de vingança ou de retaliação. Do mesmo modo, ao ver Jesus honrado, saio ao encontro daquele meu irmão para somar-me ao seu testemunho de amor. Sem esta referência a Cristo Senhor em particular, seria impossível uma verdadeira comunhão comunitária rica em perdão, respeito, amor e com facilidade se desencadearia a divisão dentro do grupo.

É d’Ele que vem a força, o entendimento e a coragem para permanecer junto dos irmãos até mesmo quando erram e resistem a correção.

Esta mesma situação se repetirá pela inteira vida de um padre que, junto com o seu presbitério e ao lado dos homens e mulheres do povo de Deus, deverá formar uma comunidade de fiéis. Quando não se observa esta referência total amor por Jesus Cristo logo se forma a separação em grupos: o dos amigos e a dos inimigos deste ou daquele, ou desta ou daquela ideia, e se rompe assim por completo a fraternidade sacerdotal.

3. Não rejeitar o próximo

Na maioria dos casos de conflitos comunitários, a rejeição do outro passa por uma dificuldade em acolher a própria realidade. A humanidade de meu colega de Seminário que tantas vezes me faz sofrer o preço de suas imperfeições, é a mesma

que a minha. Jesus não rejeitou a mim, nem a ele, quando o peso de nossa imperfeição se fez sentir sobre a Sua cruz. Entretanto, de seu ato de amor misericordioso por nós se esperam duas coisas: uma viva contrição por ferir o Senhor e a escolha por oferecer pelo meu irmão aquilo que de Cristo recebi. Morar em comunidade dará abundantes ocasiões para que isso seja colocado em prática até se tornar um movimento habitual de viva comunhão, comunhão também com a, e sob a égide da Cruz.

Caberá em certos casos aplicar a devida correção e satisfação para que um eventual mal realizado não deixe resíduos de uma viva injustiça presente no seio da comunidade, mas até mesmo isso precisa ser acompanhado e orientado com vista a suscitar, no futuro, a tomada de iniciativa pela renúncia na hora de evitar a repetição daquele mesmo mal.

Aprender a superar os apetites instintivos e as tendências pessoais, para preferir permanecer escolhendo e vivendo o Evangelho por amor a Cristo, é o grande sacrifício quotidiano rumo a santidade de vida (cf. Mt 10, 37-42). Ademais, seria uma grande vergonha passar por anos a fio de formação sem saber amar com estabilidade e fortaleza interior aqueles com quem se convive por tantos anos e a quem se conhece melhor do que outros. Se jamais se consegue amar a quem se conhece bem, o amor proclamado por quem não se conhece e com quem jamais se conviveu soará por certo como falso. “Aquele que não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1 Jo 4, 8)

Bibliografia temática sugerida para ampliar a leitura espiritual e formativa:

- **Santa Catarina de Sena**, *Diálogos*.
- **Santo Afonso Maria de Ligório**, *Selva*.

- **Dom Columba Marmión**, *Sufriendo con Cristo*.
- *Id.*, *Jesus, ideal del sacerdote*.
- **R. Garrigou – Lagrange**, *La santificacion del sacerdote*.
- *Id.*, *As três idades da vida interior*.
- **F. Trochu**, *O Santo Cura d’Ars*.

<http://www.annussacerdotalis.org/>